

Multinacionais acertam

ma

JORNAL DO BRASIL

'lobby' na Constituinte

Ronaldo Lapa

As empresas multinacionais instaladas no Brasil vão iniciar um gigantesco lobby institucional em Brasília para tentar reverter na Constituinte os itens considerados contrários aos interesses do capital estrangeiro no país. Os principais detalhes da campanha foram acertados em reunião fechada, realizada na manhã de ontem, na sede da Shell do Brasil, com a participação de representantes de quase 20 empresas, sob a coordenação do vice-presidente da Shell, Omar Carneiro. A campanha envolverá contatos pessoais com parlamentares e publicações de esclarecimento à opinião pública numa estratégia que absorverá US\$ 1,5 milhão.

As principais preocupações das empresas estrangeiras residem, basicamente, nos artigos 200 e 205 da Constituinte aprovados pela Comissão de Sistematização e que serão decididos em votação plenária. O parágrafo 1º do artigo 200, por exemplo, inibe a associação dos capitais nacional e estrangeiro (ainda que minoritária), enquanto um outro item desse mesmo artigo exige que na aquisição de bens e serviços o poder público dê preferência ao capital nacional. Os outros focos de apreensão se limitam ao parágrafo 3º do artigo 205, que nacionalizou as jazidas minerais e ainda alguns dispositivos que, na avaliação das empresas estrangeiras, dificultam a realização de contratos de risco.

O projeto de esclarecimento sobre as empresas estrangeiras acertado ontem, no Rio de Janeiro, é na verdade a continuação de um outro trabalho já iniciado nas dependências da Fiesp, e que não rendeu os resultados esperados. "A Fiesp" — explica uma fonte que participou da reunião da Shell — "criou um grupo de 50 empresas brasileiras de capital estrangeiro, produziu vários trabalhos com base em dados oficiais, se esforçou para esclarecer todos os pontos de vista, mas acabamos prejudicados em três itens de dois artigos."

Calibre — A partir de agora — continua uma outra fonte — vamos rever a munição e engrossar o calibre. A Fiesp continuará realizando o seu trabalho. E o nosso grupo se dedicará a uma atuação mais intensiva".

O ponto de partida da nova estratégia será um trabalho elaborado pela economista Maria Helena Zockun, a pedido da própria Fiesp, que revela o universo das empresas estrangeiras no Brasil, com dados extraídos de fontes exclusivamente oficiais. O trabalho que na verdade é um livreto com o pomposo título "A Importância das Empresas Brasileiras de Capital Estrangeiro para o desenvolvimento Nacional" diz por exemplo que a prevenção contra essas organizações manifesta-se através de restrições à sua atuação no Brasil. E continua: "Além da instabilidade da política econômica, e da excessiva regulamentação que o Estado impõe à iniciativa privada, as EBCE's estão sujeitas a um grande conjunto de medidas e atitudes administrativas que dificultam adicionalmente seu desempenho e desestimulam a entrada de novos capitais de risco". O trabalho da economista, divulgado em julho do ano passado, pouco fala da Assembléia Nacional Constituinte.

A reunião realizada na Shell tem o apoio da Confederação Nacional da Indústria, da Confederação Nacional do Comércio e da própria Fiesp. Participaram do encontro de ontem as seguintes empresas: Shell, Esso, Atlantic, GM, Ciba Geigy, Keynolds, Dow Química, Philips, White Martins, Ferteco, Sambra, San Gobain, Xerox, BP Mineração, Coca Cola, entre as principais. A Volkswagen, convidada, não compareceu.

MINISTÉRIO DOS TRANSPORTES